

Desempenho fonético-fonológico e semântico-lexical em Libras de crianças e adolescentes surdos em contexto de privação linguística

Brazilian Sign Language phonetic-phonological and semantic-lexical performance among linguistically deprived deaf children and adolescents

Actuación fonético-fonológica y semántico-léxica en Libras de niños y adolescentes sordos en un contexto de privación linguística

Priscila Starosky¹ 

Laila Evelyn Lyrio Araujo¹ 

Carolina Magalhães de Pinho Ferreira² 

Tatiana Bagetti¹ 

Resumo

Introdução: Sabendo-se que o desenvolvimento das línguas de sinais segue um percurso semelhante ao das línguas orais, avaliações da linguagem como prática fonoaudiológica podem identificar atrasos em situações de privação linguística. **Objetivo:** Avaliar o desempenho fonético-fonológico e do vocabulário expressivo em crianças e adolescentes surdos com diferentes perfis de contato com Libras. **Método:** Trata-se de um estudo transversal com 12 participantes. A coleta de dados ocorreu por meio de filmagem da aplicação de dois instrumentos: o Teste de Linguagem Infantil ABFW – Vocabulário e a triagem

¹ Instituto de Saúde de Nova Friburgo, Nova Friburgo, RJ, Brasil; Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

² Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Contribuição dos autores:

PS: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo; orientação.

LELA: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo.

CMPF: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; orientação.

TB: revisão crítica.

Endereço de correspondência: priscilastarosky@id.uff.br

Recebido: 05/10/2024

Aprovado: 04/11/2024



fonético-fonológica do Lisco (Língua de Sinais e Cognição). As respostas foram analisadas segundo proposta dos autores e foram submetidas a tratamento estatístico. **Resultados:** Na prova de vocabulário expressivo, todos os participantes mostraram desempenho abaixo do esperado. As categorias que obtiveram melhores desempenhos foram “animais” e “formas e cores”. Os processos de substituição utilizados com maior frequência foram “substituição e/ou complementação de semiótica verbal por não verbal correta” e “complementação de semiótica verbal por gesto indicativo”. Na triagem fonético-fonológica houve maior ocorrência de falhas em crianças do que em adolescentes. A análise associativa da triagem fonético-fonológica sob as variáveis empregadas não demonstrou diferença significativa no desempenho das respostas. Por outro lado, na avaliação do vocabulário expressivo houve diferença na análise associativa sob as variáveis tempo de contato com a Libras, uso da Libras pela família e uso da Libras na escola. **Conclusão:** Todos os participantes do estudo apresentaram desempenho abaixo do esperado, sugerindo que a privação linguística ao qual estão submetidos pode ter influenciado os resultados obtidos.

Palavras-chave: Atraso da Linguagem; Vocabulário; Fonética; Surdez

Abstract

Introduction: Sign language development is known to follow a similar path to spoken languages. Language assessments as part of speech-language-hearing practice can identify delays in cases of linguistic deprivation. **Objective:** To evaluate the phonetic-phonological performance and expressive vocabulary in deaf children and adolescents with different levels of Brazilian Sign Language (Libras) exposure. **Method:** This is a cross-sectional study with 12 participants. Data were collected by filming the application of two instruments: the ABFW Children’s Language Test – Vocabulary and the Sign Language and Cognition – Phonetic-Phonological Screening (Lisco). The responses were analyzed as proposed by their authors and statistically treated. **Results:** All participants performed below the expected level in the expressive vocabulary test. The categories with the best performance were “animals” and “shapes and colors”. The most frequently used substitution processes were “substitution and/or complement of verbal semiotics by correct nonverbal semiotics” and “complement of verbal semiotics by an indicative gesture”. Children failed more than adolescents in the phonetic-phonological screening. The associative analysis of the phonetic-phonological screening under the employed variables did not show significantly different performances. On the other hand, the associative analysis showed that the time of contact with Libras, the family’s use of Libras, and the school’s use of Libras differed in the expressive vocabulary assessment. **Conclusion:** All participants performed below the expected level, suggesting their linguistic deprivation may have influenced the results.

Keywords: Language Development Disorders; Vocabulary; Phonetics; Deafness

Resumen

Introducción: Sabiendo que el desarrollo de las lenguas de signos sigue un camino similar al de las lenguas orales, las evaluaciones del lenguaje como práctica fonoaudiológica pueden identificar retrasos en situaciones de privación lingüística. **Objetivo:** Evaluar el desempeño fonético-fonológico y el vocabulario expresivo en niños y adolescentes sordos con diferentes perfiles de contacto con Libras. **Método:** Se trata de un estudio transversal con 12 participantes. Los datos fueron recolectados filmando la aplicación de dos instrumentos: ABFW Test de Lenguaje Infantil - Vocabulario y Lisco (Lengua de Señas y Cognición) screening fonético-fonológico. Las respuestas fueron analizadas de acuerdo con la propuesta de los autores y recibieron tratamiento estadístico. **Resultados:** En la prueba de vocabulario expresivo, todos los participantes rindieron por debajo de lo esperado. Las categorías con mejores resultados fueron «animales» y «formas» y colores. Los procesos de sustitución más utilizados fueron «sustitución y/o complementación de semiótica verbal con no verbal correcta» y «complementación de semiótica verbal con gestos indicativos». En la exploración fonético-fonológica, hubo más fallos en los niños que en los adolescentes. El análisis asociativo del screening fonético-fonológico bajo las variables utilizadas mostró que no había diferencias en el rendimiento de las respuestas. En la evaluación del vocabulario expresivo, hubo diferencia en el análisis asociativo de las variables tiempo en contacto con





Libras, uso de Libras por la familia y uso de Libras en la escuela. **Conclusión:** Todos los participantes en el estudio rindieron por debajo de lo esperado, lo que indica que la privación linguística a la que fueron sometidos puede haber influido en los resultados obtenidos.

Palabras clave: Retraso del Lenguaje; Vocabulario; Fonética; Sordera

Introdução

O desenvolvimento das línguas de sinais é semelhante às línguas orais, dependendo do contexto comunicativo¹. A atuação fonoaudiológica engloba os processos comunicativos, o desenvolvimento e uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), realizando promoção da saúde linguística, a prevenção de agravos comunicativos e a intervenção nas alterações do processamento linguístico^{2,3,4}.

Embora existam conquistas de políticas públicas voltadas para a comunidade surda no Brasil⁵, o desenvolvimento linguístico, principalmente de crianças surdas oriundas de famílias ouvintes (mais de 90% no Brasil), apresenta alta incidência de privação linguística com consequências acadêmicas, sociais, emocionais e neuroanatômicas^{6,7}. O predomínio de práticas fonoaudiológicas e de saúde que priorizam a oralização é apontado como o principal fator de risco⁸. Essas práticas e a dificuldade da implementação da modalidade bilíngue na educação de surdos, geram contato tardio e de baixa qualidade com a Libras^{6,8}.

Estudos sobre o desenvolvimento de diferentes aspectos da gramática da Libras mostram que diferentes contextos de aquisição geram impactos neste processo. Exemplos incluem crianças surdas filhas de pais ouvintes, crianças surdas com implante coclear, aquisição bilíngue bimodal em crianças ouvintes filhas de pais surdos⁹. Na maioria das vezes, as famílias ouvintes iniciam seu contato com a Libras e o aprofundam por meio de um processo de aprendizado e não de aquisição, no qual se evidenciam, tanto no ensino quanto no uso da Libras, predomínio dos níveis fonológico e lexical da língua¹⁰. Geralmente, crianças surdas em contextos comunicativos de predominância do uso da língua oral (famílias ouvintes), por sua vez, têm contato tardio e restrito com falantes com alta proficiência em Libras, sejam surdos ou ouvintes⁶.

O desenvolvimento tardio da linguagem é alvo da intervenção fonoaudiológica e gera alterações primárias no desenvolvimento da Libras com impactos cognitivos^{1,11}. Avaliações da Libras, apoiadas em parâmetros da aquisição típica bilín-

gue¹², são essenciais para que o acompanhamento do desenvolvimento e a intervenção nas alterações ocorram de forma efetiva^{1,3,4}. Entretanto, ainda é evidente o número reduzido de estudos sobre transtornos de linguagem de modalidade visuoespacial (línguas de sinais)¹³, especialmente no Brasil¹⁴.

Uma pesquisa comparou o vocabulário expressivo de 32 crianças ouvintes com o de 32 surdas, com idades entre 5 e 8 anos, indicando semelhanças entre o desenvolvimento das duas modalidades¹⁵. Outro estudo, que investigou o desempenho em tarefas de nomeação de 15 crianças surdas estudantes de escola bilíngue, com 3 a 7 anos de idade, filhos de pais surdos ou ouvintes, mostrou que as variáveis idade e escolaridade não se correlacionaram ao desempenho, propondo influência da realidade linguístico-ambiental¹⁶. Já um estudo britânico observacional analisou a fluência semântica em surdos de 7 a 14 anos, usuários de língua de sinais, com e sem transtorno do desenvolvimento da linguagem (TDL). Embora a organização lexical fosse semelhante entre os grupos, o acesso lexical foi menos eficiente no grupo com TDL¹⁷.

É reconhecido que a habilidade de pensar sobre as unidades sublexicais, caracterizada como consciência fonológica, também está presente em usuários de línguas de sinais, e tem relação tanto com o processo de aquisição desta como primeira língua, quanto com a aquisição da segunda língua de modalidade escrita (código alfabético de uma língua oral) por surdos¹⁸. Pesquisa que avaliou os processos fonológicos realizados por 12 crianças surdas, com idade entre 3 e 7 anos, mostrou que as variações linguísticas, assim como os processos, ocorreram como um fenômeno natural do desenvolvimento¹⁹.

Um estudo que desenvolveu e aplicou uma triagem da Libras, que avaliava vários níveis linguísticos, incluindo o fonético-fonológico, foi aplicado em 69 sujeitos surdos de uma escola bilíngue, com idade média de 15 anos, com e sem queixas de linguagem²⁰. A triagem mostrou-se sensível à presença de queixa de linguagem, e a maior diferença das respostas entre crianças e adultos foi no nível fonético-fonológico. Nesta triagem, os parâmetros



de configuração de mão e movimento foram usados para classificar a complexidade fonético-fonológica dos sinais. A marcação da configuração de mão, aspecto bastante verificado na aquisição de L1, determina hierarquias de complexidade baseada na anatomia da mão humana, sendo as marcadas mais complexas que as não marcadas¹⁰.

Uma revisão de literatura recente, que envolveu estudos de diferentes países sobre a consciência fonológica de línguas de sinais, apontou que a maioria dos instrumentos de avaliação desta habilidade avalia apenas aspectos parciais, como: a discriminação de pares mínimos, a proficiência na reprodução de sinais, e somente alguns dos parâmetros, com predominância da configuração da mão, do movimento e do ponto de articulação ou localização¹³.

Diante do exposto, este estudo tem o objetivo de avaliar o desempenho fonético-fonológico e do vocabulário expressivo em crianças e adolescentes surdos com diferentes perfis de contato com a Libras caracterizados pela privação linguística, e atendidos em duas clínicas-escola de fonoaudiologia de duas universidades públicas brasileiras.

Métodos

Trata-se de estudo transversal com 12 participantes, 5 crianças (6 a 11 anos) e 7 adolescentes (12 a 15 anos), com perda auditiva neurossensorial bilateral de grau severo a profundo, usuários ou não de tecnologias auditivas. Todos os participantes são oriundos de famílias ouvintes. O critério de exclusão foi a presença de cegueira ou baixa visão. Três participantes apresentam deficiência associada à surdez com alteração da função motora e do movimento causada por paralisia cerebral, tendo alterações nas estruturas musculoesqueléticas e das articulações de cotovelo, antebraço e mãos, além de membros inferiores. Apresentam marcha preservada com deficiência leve. As alterações de membros superiores envolveram funções relacionadas ao controle dos movimentos voluntários, que impactam negativamente a realização de atividades como escrever e uso fino da mão para manusear objetos.

Dois participantes apresentam essas alterações à direita e à esquerda, um deles apresenta somente à esquerda. Não foram identificadas alterações significativas nas funções intelectuais ou mentais, como memória, atenção ou percepção visuo-

espacial. Os dados da pesquisa foram obtidos em serviços de fonoaudiologia bilíngue para surdos de duas clínicas-escola de instituições de ensino superior públicas fluminenses.

O estudo ocorreu entre março e outubro de 2023. A participação foi consentida por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), em Libras, pelos participantes que apresentavam condições de compreensão. Os Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) de ambas as instituições aprovaram o estudo por meio dos pareceres sob os números 5.570.162 e 5.458.603.

Realizou-se a avaliação por meio dos instrumentos: Língua de Sinais e Cognição - Triagem Fonético-fonológica (Lisco)²⁰ e prova de vocabulário do teste de linguagem infantil ABFW²¹. Foram realizadas gravações em vídeo das respostas dos participantes, posteriormente registradas e analisadas pelas pesquisadoras.

A triagem fonético-fonológica avaliou o uso dos parâmetros da Libras por meio de uma lista de figuras para nomeação, permitindo dar o modelo para repetição. Os sinais da triagem apresentam-se em 4 grupos de complexidade fonético-fonológica: 1. Configuração de mão (CM) não marcada com Movimento (M) simples; 2. CM marcada com M simples; 3. CM não marcada com M interno das mãos; 4. CM marcada com M interno das mãos. Foi pontuado 1 em caso a resposta “satisfatória”, ou seja, apresentado os parâmetros fonológicos corretamente, ou 0 quando “insatisfatória”²⁰. Há “falha” na triagem quando o sujeito avaliado que possui até 15 anos apresenta a partir de 4 respostas “insatisfatórias”, e quando o sujeito maior de 15 anos apresenta a partir de 1 resposta “insatisfatória”.

O vocabulário expressivo foi avaliado por meio da prova de vocabulário do teste ABFW que consiste na verificação do conhecimento vocabular de 9 campos conceituais (vestuário; animais; alimentos; meios de transporte; móveis e utensílios; profissões; locais; formas e cores; brinquedos e instrumentos musicais) do Português brasileiro oral²¹. No contexto deste estudo a prova foi realizada em Libras. As respostas foram classificadas em Designação por Vocábulo Usual (DVU); Não Designação (ND) e Processos de Substituição (PS). Os PS também foram classificados conforme tipologia proposta pelas autoras. Foram utilizados os parâmetros quantitativos da faixa etária de 6 anos,



que é a maior faixa etária com parâmetros definidos no teste original.

Os resultados foram analisados, evidenciando o desempenho em ambos os testes, além de relacioná-los ao contexto linguístico e comunicativo dos participantes. As variáveis quantitativas foram recodificadas em variáveis qualitativas nominais, utilizando os totais e as médias. Para as análises de associação, foi utilizado o teste exato de Fisher, considerando como associações com significância estatística as que apresentaram valor de $p \leq 0,05$.

Resultados

A média de idade dos participantes no momento do estudo foi de 10,9 anos, sendo 10 do gênero masculino. Em relação ao contexto linguístico, 9 possuem família ouvinte sinalizadora em nível de “utilizador iniciante” que reconhece sinais e expressões simples, desde que o interlocutor sinalize de forma clara e pausada e utilize expressões e frases simples em contextos conhecidos²². E, ainda, tanto a média de idade no primeiro contato com a Libras, quanto a média de tempo de contato com a Libras, foi de 5,4 anos. Dos 12 participantes, 6 estudavam em escola regular com intérprete de Libras, 4 em escola bilíngue e 2 em escola regular sem intérprete de Libras. Além da surdez, 3 participantes apresentavam deficiência na função motora e no movimento.

Na prova de vocabulário expressivo todos os participantes mostraram desempenho abaixo do esperado, tendo-se como referência a faixa etária de 6 anos do teste original²¹. Das 9 categorias avaliadas, os participantes alcançaram média de respostas esperadas de DVU em 2,5 categorias, sendo as crianças em 1,4 e os adolescentes em 3,28, mostrando evolução do desenvolvimento do vocabulário relacionado à idade.

As porcentagens de respostas foram maiores de DVU (47,5%), seguidas de PS (36,8%) e de ND (15,7%). As categorias “animais” (7 crianças) e “formas e cores” (6 crianças) apresentaram mais respostas de DVU nos parâmetros do teste, em comparação às demais.

Os tipos de PS mais utilizados foram: “substituição e/ou complementação de semiótica verbal por não verbal correta” (119 ocorrências), ex: quando para a designação usual “garfo” a criança

usa um gesto de comer segurando um talher, que não corresponde ao sinal de “garfo” em Libras; “substituição e/ou complementação de semiótica verbal por gesto indicativo” (36 ocorrências), ex: quando para a designação usual “blusa” a criança aponta a própria blusa; “valorização do estímulo visual” (22 ocorrências), ex: quando para a designação usual “cidade” a criança sinaliza “casa” e “igreja” (componentes que se destacam na imagem do teste); “co-hipônimo próximo” (17 ocorrências), ex: quando para a designação usual “caminhão” a criança sinaliza “carro” (semanticamente próximos com vocábulo semanticamente superordenado mais abrangente comum); “substituição por designação de funções” (6 ocorrências), ex: quando para a designação usual “cama” a criança sinaliza “dormir”.

Os resultados encontrados na triagem fonético-fonológica mostraram maior ocorrência de “falha” para as crianças (60%) do que para os adolescentes (43%). As respostas “satisfatórias” do total dos participantes foram decrescendo do grupo 1 (50) para o grupo 2 (45), para o grupo 3 (42) e para o grupo 4 (35), o que se relaciona à complexidade fonético-fonológica crescente dos referidos grupos.

Foi realizada análise associativa dos dados de contexto linguístico-comunicativo e das características dos participantes (criança ou adolescente; com ou sem deficiência associada) com o desempenho nas duas avaliações, apresentada na Tabela 1. Houve associação com significância estatística entre as respostas de DVU do teste de vocabulário nos três seguintes aspectos: 1 - o uso da Libras na escola frequentada pelos participantes ($p=0,0028$), sendo escola bilíngue, escola regular com intérprete e escola regular sem intérprete; 2 - o uso da Libras pelas famílias ($p=0,00048$), sendo família sinalizadora e família não sinalizadora; e 3 - o tempo de contato com a Libras ($p=0,00114$), sendo contato com a Libras há mais de cinco anos e contato com a Libras há menos de 5 anos.

Não houve associação com significância das variáveis com os resultados da triagem fonético-fonológica, apesar da idade de contato com a Libras ($p=0,09090909091$), sendo contato com a Libras após 2 anos de idade e contato com a Libras anterior aos 2 anos de idade; e do uso de Libras pela família ($p=0,09090909091$), sendo família sinalizadora e família não sinalizadora, apresentarem os resultados mais próximos a $p \leq 0,05$.

Tabela 1. Análise associativa entre 'passa' e 'falha' na triagem fonético-fonológica, número de DVU na prova de vocabulário expressivo e variáveis selecionadas do perfil linguístico dos participantes

	C	A	+ 2	- 2	EB	ERCI	ERSI	FS	FNS	- 5	+ 5	CD	SD
PASSA	2	4	3	3	3	2	1	6	0	1	5	1	5
FALHA	3	3	6	0	1	4	1	3	3	4	2	2	4
Total	5	7	9	3	4	6	2	9	3	5	7	3	9
valor de p*	0,3787878788		0,09090909091			0,1298701299		0,09090909091		0,1136363636		0,40909091	
DVU obtida	7	22	19	10	12	16	1	29	0	5	24	11	18
valor de p*	7,63		0,076			0,0028		0,00048		0,00114		0,148	

*Teste exato de Fisher

Legenda: C = criança; A= Adolescente; +2 = contato com a Libras após 2 anos; -2 = contato com a Libras anterior aos 2 anos; EB = escola bilíngue; ERCI = escola regular com intérprete; ERSI = escola regular sem intérprete; FS = família sinalizadora; FNS = família não sinalizadora; -5 = contato com a Libras por menos de 5 anos; +5 = contato com a Libras por mais de 5 anos; CD = com deficiência associada; SD = sem deficiência associada

Discussão

Todas as respostas dos participantes do estudo estão abaixo do esperado no teste de vocabulário expressivo. Ressalta-se que a faixa etária de referência deste teste é de 6 anos²¹, abaixo da média de idade dos participantes (10,9). Acreditamos que os resultados se justificam pela limitação de contato com a língua, ligados à correlação estatística entre o tempo de contato e o uso da Libras na escola e na família⁶. A relação entre a idade de exposição à língua e os fatores correlacionados são determinantes para o desenvolvimento linguístico^{1,4,6,7,9,11,16}.

Em relação às categorias com menores respostas de DVU, 'locais', 'alimentos' e 'vestuário', que corroboram estudo anterior¹⁹, esperava-se que vocábulos mais presentes no uso cotidiano fossem mais nomeados, o que não ocorreu. Isso indica que as atividades cotidianas não são suficientemente acompanhadas por verbalizações sobre os acontecimentos, como comentários, narrativas, ou até mesmo ordens verbais simples.

Quanto aos tipos de PS, que ocorreram em proporções próximas às DVU, predominaram formas visuais próprias da experiência surda (sinais caseiros e apontação), próximas ao que a literatura categoriza como "gestos ou sinais caseiros" que são aqueles utilizados por surdos, sem contato com a língua de sinais e comunidade surda, para se comunicar no ambiente familiar²³. Entretanto, apesar de terem semelhanças com as línguas de sinais (no que diz respeito à iconicidade, ou seja, semelhança visual do significante linguístico com seu objeto ou ação referente), não têm o mesmo efeito no desenvolvimento que o uso da língua de sinais em termos da complexidade gramatical, já que não compartilham características morfossin-

táticas da língua e da socialização, por não serem compartilhados intersubjetivamente com outros membros da comunidade^{6,9,11}. Os demais processos de substituição encontrados em maior proporção, revelam o uso de estratégias semânticas ("co-hipônimo próximo" e "designação de funções") e visuais ("valorização do estímulo visual") para superar a escassez de vocabulário.

Na triagem fonético-fonológica, as crianças apresentaram maior número de "falhas" quando comparadas aos adolescentes, indicando o desenvolvimento desse nível²⁰. Entretanto, tanto crianças quanto adolescentes apresentaram déficit no processo de desenvolvimento fonético-fonológico, o que pode ser explicado pela aquisição tardia. Essa aquisição tardia não apenas afeta a competência gramatical como também limita o processamento fonológico da linguagem, estando mais relacionada à idade de exposição do que ao tempo de exposição²⁴. Embora não tenha sido observada significância estatística, a maioria dos participantes com deficiência associada (motora) apresentou maior dificuldade, provavelmente decorrente de alterações fonéticas na sinalização^{4,16}.

A dificuldade nos sinais com maior complexidade fonético-fonológico evidencia semelhanças entre o desenvolvimento das línguas orais e das línguas de sinais^{19,20}. No entanto, a triagem considera somente dois parâmetros para determinar os níveis de complexidade e, em caso de "falha", recomenda-se a aplicação de outras avaliações para diagnósticos mais precisos²⁰.

Mesmo que estudo anterior tenha mostrado que o parâmetro "configuração de mão" é o mais alterado em processos fonológicos produzidos por crianças em desenvolvimento linguístico¹⁹, é necessário estabelecer como os demais parâme-



tros (localização, movimento, orientação e não manuais – expressão corporal e facial) se associam em processos típicos e atípicos de desenvolvimento fonológico em crianças sinalizadoras¹³.

Além do desenvolvimento fonológico da primeira língua, já foi demonstrado que a consciência fonológica das línguas de sinais também interfere no desenvolvimento do letramento em segunda língua¹⁸.

O fato de não existirem no Brasil políticas linguísticas que garantam o direito de famílias ouvintes aprenderem Libras e terem o apoio necessário para o desenvolvimento linguístico de suas crianças, mesmo diante todos os avanços reconhecidos em relação à educação dos surdos, ainda é o maior indutor de negligência e privação linguística^{6,25}. Isso, por sua vez, leva a situações graves de atraso no desenvolvimento da linguagem, semelhantes às identificadas neste estudo, que podem inclusive se sobrepor e mascarar casos de transtornos do desenvolvimento da linguagem em crianças usuárias de línguas de sinais, dificultando o diagnóstico e a intervenção^{14,17}.

Por outro lado, o desenvolvimento de pesquisas e práticas em fonoaudiologia bilíngue para surdos necessárias à orientação, diagnóstico e intervenção qualificados para o desenvolvimento das línguas de sinais somente será possível se a formação oferecer desenvolvimento de competências fonoaudiológicas que possibilitem o entendimento e a atuação frente à aquisição típica e atípica da modalidade visuo-espacial e a atuação em bilinguismo educacional, além de outras demandas fonoaudiológicas de pessoas surdas sinalizadoras^{4,25}.

Considerações finais

Foi possível avaliar o desempenho fonético-fonológico e o vocabulário expressivo de crianças e adolescentes surdos em Libras, considerando diferentes perfis de contato com esta língua. Os resultados revelaram um desempenho muito aquém dos parâmetros propostos pelo teste de vocabulário

Já na triagem fonético-fonológica, observou-se uma maior incidência de participantes que obtiveram aprovação no teste, especialmente entre adolescentes em comparação com crianças, indicando uma relação entre o desenvolvimento fonético-fonológico e a idade. Contudo, os resultados também evidenciam alterações associadas ao atraso na exposição linguística.

Apontamos como limitação deste estudo o fato de a avaliação fonético-fonológica ser apenas uma triagem, exigindo complementação com outras avaliações para o diagnóstico. Além disso, outra limitação foi o uso de um teste de vocabulário normatizado para a língua oral, bem como o número reduzido de participantes.

Os contextos comunicativos dos participantes do estudo, assim como seu desempenho no vocabulário expressivo e na triagem fonético-fonológica da Libras, evidenciam a situação de privação linguística. Este estudo contribui para a discussão sobre a necessidade de mais pesquisas voltadas à aquisição atípica da Libras, abrangendo a diversidade de contextos linguísticos e comunicativos de crianças surdas no Brasil^{4,6,14,17}.

Essas pesquisas seriam fundamentais para o desenvolvimento de avaliações fonoaudiológicas e linguísticas parametrizadas para usuários da Libras, considerando diferentes faixas etárias e tomando como base o desenvolvimento linguístico sem privação, um campo ainda pouco explorado^{12,13,14}.

Da mesma forma, são necessárias propostas de intervenção fonoaudiológica voltadas à promoção do desenvolvimento típico e às alterações do processamento de línguas de modalidade visuo-espacial^{4,14}, como por exemplo para o TDL¹⁷.

Essas pesquisas são necessárias tanto para que o ciclo de privação e suas consequências educacionais e sociais em pessoas surdas pré-linguais seja minimizado⁶, quanto para que o diagnóstico de transtornos seja possível.

Também se coloca como um desafio transversalizar a modalidade visuoespacial na formação dos futuros profissionais, promovendo competências fonoaudiológicas específicas para essa modalidade. Além disso, destaca-se o papel da orientação e do aprendizado da Libras pelas famílias ouvintes, assim como do contexto linguístico-comunicativo adequado para o desenvolvimento de linguagem o mais cedo possível, o que ainda precisa ser alvo de elaboração e execução de políticas públicas no país.

Referências

1. Barbosa FV. A Clínica Fonoaudiológica Bilíngue e a Escola de Surdos na Identificação da Língua de Sinais Atípica. *Educ Real* [Internet]. 2016 Jul; 41(3): 731–54. Available from: <https://doi.org/10.1590/2175-623661121>





2. Moura MCD, Begrow DDV, Chaves ADD, Azoni CAS. Fonoaudiologia, língua de sinais e bilinguismo para surdos. CoDAS [Internet]. 2021 [citado 10 de novembro de 2023]; 33(1): e 20200248. Available from: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202020248>
3. Barbosa FV, Ferreira CM de P. Fonoaudiologia em língua de sinais: distúrbios de linguagem expressos na Libras e a saúde do Surdo. In: Azoni CAS, Lira JO de, Lamônica DAC, Oliveira e Britto DB de. (Org.) Tratado de Linguagem: Perspectivas Contemporâneas. 1 ed. Ribeirão Preto: BookToy, 2023, v. 1, p. 403-13.
4. Ferreira CM de P, Starosky P, Melo PN de, Barros MPG de, Fernandes FS. Avaliação em Língua Brasileira de Sinais no contexto da Fonoaudiologia bilíngue em uma clínica escola: estudo de caso. Research, Society and Development [Internet]. 7 de dezembro de 2022 [citado 10 de novembro de 2023]; 11(16): e 267111637700 – e 267111637700. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i16.37700>
5. Brasil, Lei nº14191, de 3 de agosto de 2021. Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 04 agosto. 2021. [citado 06 de novembro de 2023]; Available from: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14191.htm
6. Quadros RM de, Lillo-Martin D. Língua de Herança e privação da língua de sinais. Revista Espaço [Internet]. 30 de junho de 2021 [citado 15 de novembro de 2023]; 213–22. Available from: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1648>
7. Cheng, Q., Silvano, E., & Bedny, M. Sensitive periods in cortical specialization for language: insights from studies with Deaf and blind individuals. Current opinion in behavioral sciences, 36, 2020, pages 169–76. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2020.10.011>
8. Vianna NG, Andrade M da GG, Lemos FCS, Rodriguez-Martin D. A surdez na política de saúde brasileira: uma análise genealógica. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2022Apr; 27(4): 1567–80. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022274.09142021>
9. Quadros RM de, Pizzio AL. Brazilian Sign Language acquisition as a first language. In: Quadros RM de, editora. Brazilian Sign Language Studies. Lancaster, UK: Walter de Gruyter GmbH & Co KG; 2020. p. 227-53.
10. Zancanaro Junior LA. Produções em Libras como segunda língua por ouvintes não fluentes e fluentes: um olhar atento para os parâmetros fonológicos. [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
11. Mayberry, R. I.; Lock, E. Age constraints on first versus second language acquisition: Evidence for linguistic plasticity and epigenesis. Brain and Language, v.87, p. 369-83, 2003. Available from: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0093934X03001378>
12. Corina Goodwin, Diane Lillo-Martin, Deaf and Hearing American Sign Language–English Bilinguals: Typical Bilingual Language Development, The Journal of Deaf Studies and Deaf Education, Volume 28, Issue 4, October 2023, Pages 350–62, <https://doi.org/10.1093/deafed/enad026>
13. Pratas M, Correia I, Santos S. A consciência querológica na língua gestual portuguesa. Pro-Posições [Internet]. 2022; 33:e20210034PT. Available from: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0034PT>
14. Silva N de SL, Cáceres-Assenção AM. Transtornos de linguagem em pessoas que se comunicam por língua de sinais: revisão integrativa. Distúrb Comun [Internet]. 14º de junho de 2023 [citado 26º de setembro de 2024]; 34(4): e57098. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/57098>
15. Ferreira MIO, Dornelas SA, Teófilo MMM, Alves LM. Avaliação do vocabulário expressivo em crianças surdas usuárias da Língua Brasileira de Sinais. Rev CEFAC [Internet]. fevereiro de 2012 [citado 7 de novembro de 2023]; 14: 09–17. <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/WCpf9WRDGpYqp3VNLsp3JjS/?lang=pt>
16. Guimarães CF, Campello AR e S. Desempenho de Pré-Escolares Surdos do INES em Tarefa de Nomeação em Libras. Revista Espaço [Internet]. 30 de junho de 2017 [citado 7 de novembro de 2023]; 209–24. Available from: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1227>
17. Marshall CR, Rowley K, Mason K, Herman R, Morgan G. Lexical organization in deaf children who use British Sign Language: Evidence from a semantic fluency task. Journal of Child Language. 2013; 40(1): 193–220. DOI: 10.1017/S0305000912000116
18. Cruz CR. Consciência fonológica da língua de sinais: implicações na linguagem e na leitura. ReVEL, edição especial n. 15, 2018. [www.revel.inf.br]
19. Guimarães CF, Campello AR e S. “Trocas nos sinais”: caracterização de processos fonológicos ocorridos durante a aquisição de Libras por pré-escolares surdos. Audiol, Commun Res [Internet]. 8 de novembro de 2018 [citado 16 de novembro de 2023]; 23:e 1922. Available from: <https://www.scielo.br/j/acr/a/3MXQpk5ykVJnX7qkV5dVgPp/>
20. Barbosa F, Neves S. Língua de Sinais e Cognição (Lisco): estudos em avaliação fonoaudiológica baseada na Língua Brasileira de Sinais. São Paulo: Pró-Fono, 2017. 162p.
21. Andrade C. ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2a ed. São Paulo: Pró-Fono, 2004. 108p.
22. Sousa A, Lohn J, Quadros R, Dias L, Neves, N, Gusmão, G. Quadro de referência da Libras como L2. Dossiê | Forum lingüístico, Florianópolis, v.17, n.4, p.5488-504, out./dez. 2020. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e77339>
23. Guarinello AC, Claudio DP, Festa PSV, Paciornik R. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 46, p. 151-68, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://revistas.utp.br/index.php/h/issue/view/59>
24. Emmorey K. Language, Cognition, and the Brain: Insights From Sign Language Research. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, New Jersey: 2002. Cap. 6 pp. 205-26.
25. Ribeiro VL, Barbosa RLL, Martins SESO. Pais ouvintes e filhos surdos: o lugar das famílias em propostas educacionais bilíngues. Educação [Internet]. 15º de julho de 2019 [citado 29º de setembro de 2024]; 44: e55/ 1-27. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/35150>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

